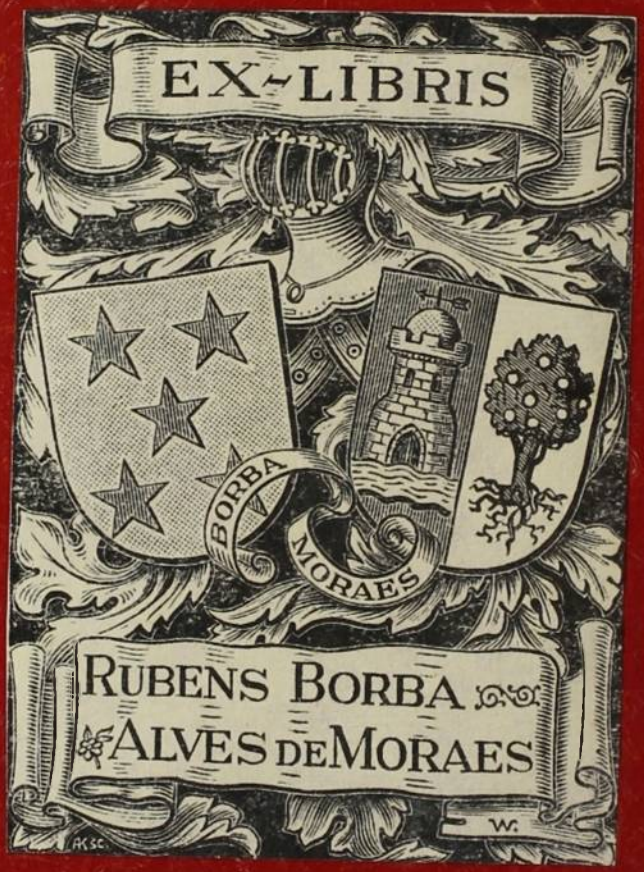
Encadernado em
Coimbra por
Justiniano Soares.



+142

P. 1285

ORAÇÃO FUNEBRE

DE SUA MAGESTADE IMPERIAL O SENHOR

D. PEDRO D'ALCANTARA

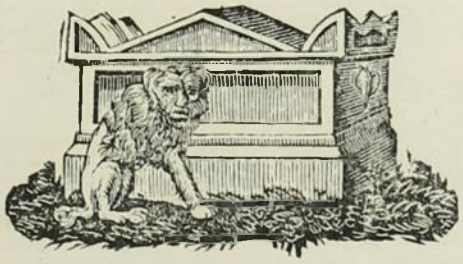
DUQUE DE BRAGANÇA

FEITA E PRÉGADA GRATUITAMENTE NO REAL TEMPLO
DE NOSSA SENHORA DA LAPA

POR

Antonio Lopo Correia de Castro,

Monge de S. Jeronimo, Chantre da Real Capella da Universidade de Coimbra, e Bacharel em Direito.



COIMBRA,
NA IMPRENSA DE E. TROVÃO,

1851.

SENHORA

A quem, senão a Vossa Magestade, devia eu dedicar esta Oração? Imprudencia, erro seria meu privar Vossa Magestade de uma Oração, que por tantos titulos lhe pertence. Os serviços, que S. M. Imperial prestou á Nação e á Rainha Fidelissima de Portugal, falla delles a historia, e não a Oração, que gratuitamente fiz e recitei; Não podia caber em tão pequeno quadro a imagem de um Heróe supperior a todos.

A Vossa Magestade, e a ElRei Sr. D. Fernando a dedico. A humildade com que a offereço me certeáca da generosidade, e indulgencia, que supplico.

Prospere Deos a vida de Vossa Magestade, de Seu Augusto Esposo, e Altesas Reaes.

Humildemente beija a mão de Vossa Magestade,

seu indigno Capellão

Antonio Lopo Correia de Castro.

Ecce quomodo moritur Justus.

Parafrase

Encostado ás bordas do Sepulcro
O olhar atraz volveu;
Suas obras passadas contemplou,
E em paz adormeceu.

A. Hercul. Arpa do Crente

SENHORA, assim prostrada lamentaes a morte de vosso Regio Pai, auctor de vossos dias!!? Humedeceis com saudosas lagrimas este Regio tumulo, onde em eterna paz repousa o Senhor Duque de Bragança!!? Quereis chamar á vida o primeiro Imperador do Brazil!!? É á força de pranto que quereis que o Senhor D. PEDRO IV surja do tumulo para reconhecer o Vosso e nosso luto!!?

SENHORA, permitti que vos peça a retirada de um lugar consagrado ás súpplicas; tomae o lugar devido á Magestade; eu vos conduzo... permitti-me, eu vos guio.....

Perdoae, Senhores: figurava-se-me ter presente Sua Magestade a Rainha, a quem acabava de conduzir para defronte do summo Sacerdote, do grande Pastor, do sapientissimo Prelado, do virtuosissimo Bispo da Diocese.

Um pesado lucto, uma dôr universal opprime hoje a Monarquia Lusitana. A mágoa, a consternação, a saudade pesa sobre a invicta Cidade. As lagrimas opprimem os Portuenses.

Senhores, são mais os que vos acompanham no pranto. Não ficareis sós, não estareis isolados no campo da tristeza. Vossos gemidos, e compungidos ais fazem ecco, e rebombando nos quatro angulos de Portugal irão despertar esses heróes a quem Portugal deve sua independencia, sua gloria, seu explendor.

D'esses silenciosos jazigos fóra do nivel da terra erguidos, se levantam, e reúnindo suas cinzas mortaes, se revestem dos dotes da immortalidade.

Escutam nossas vozes; com ellas seu repouso é alterado, sua habitação penetrada; esse sômno da morte, que elles gosavam, é perturbado a ponto de mortos se unirem aos vivos.

Attentos sondão nossas palavras, e apenas ouvem o clamor geral que diz — morreu o Snr. D. Pedro — elles se levantam, surgem de seus tumulos, e com passos de magestade *aqui*, *ao Porto*, *á Lapa* se dirigem. Eis que elles entram, dae logar, Senhores, dae logar.

Entrae régias sombras, entrae Monarchas Portuguezes, entrae Reis da Luzitania, entrae...

Inclinados pensam achar alli o corpo do Heróe; fitam os olhos no interior do tumulo; apalpam, nada encontram, e saudosos dizem: *Não está aqui; dorme o sómno da morte, habita os lugares d'onde nós ha pouco sahimos, e por instantes deixamos.* — As lagrimas são copiosas, eu só lhes percebo frases entrecortadas, e applicando o ouvido, ouço que elles dizem estas, só estas palavras: — *Imitou-nos na coragem*, — *egualou-nos na sabedoria* — *excedeu-nos no amor.*

O grande Affonso Henriques os tira de um logar, que só respira dôr, luto e lagrimas, e com uma vóz, que sahida de um sepulcro; n'elle se reconcentra, lhes diz: — *é tempo de nos retirarmos.*

Assim o fazem seguindo o mesmo caminho que trouxeram, encaminhando e dirigindo os passos para as campas que deshabitaram.

Ide em paz, régias sombras, em eterna paz ide.....

Senhores, assim passaram os Monarchas Portuguezes. Presenceastes suas lagrimas, vistes como reverentes saudaram este tumulo em memoria de Pedro levantado, este soberbo e magnifico cenotaphio em sua honra erguido.

Que vos resta da vista dos excelsos Monarchas? A gloria de serdes virtuosos subditos.

Que vos resta da entrevista de tantas testas coroadas? A gloria de serdes Portuguezes.

Que vos resta, em fim, d'este ajuntamento dos Reis Portuguezes em cerca do tumulo do Senhor D. Pedro? A gloria de serdes Portuenses, a gloria em fim de serdes herdeiros de seu coração.

Senhores, se a vós cabe a honra de possuirdes este Regio Penhor; se vos gloriaes de terdes dentro da vossa invicta Cidade um Coração tão grande, tão magestoso, como o peito que o encerrava; acreditae, que maior gloria vos cabe pela vossa gratidão tão vivamente manifestada n'este dia de duradouro luto, e eterno pranto.

O ecco que este vosso companheiro d'armas deu na Europa, é repetido por vós: elle ecoa, retumba na eternidade. As gerações preteritas se unem ás presentes, e estas transmittem ás gerações futuras, á posteridade, o nome, os gloriosos feitos do Senhor D. Pedro.

Fostes vós, Senhores, essa familia querida, a quem elle legou seu coração, séde de amôr, throno de sua predilecção em favor de um Povo, que conta tantos heroes quantos os habitantes.

Volvei, Senhores, os fastos da nossa historia; correi synopticamente os olhos pela historia dos successos patrios; analisae miudamente os quadros historicos da Monarquia; abri a biografia dos nossos Reis, essa Biblia Real, perdoae a expressão, e vêde se achaes um Principe como PEDRO, um General Rei como PEDRO, um Rei soldado como PEDRO.

Dizei, Senhores, com franqueza: onde achaes um como PEDRO?

Que Monarcha como este? Quem com tanta coragem, quem com tanto desapêgo ás vaidades do mundo, que em uma só vida regeita duas corôas?!!!

Monarchas passados, perdoae minha ousada linguagem; já que sahistes d'esses regios tumulos, oh permitti, e perdoae, que eu faça o parallelo entre Vós e PEDRO; permitti que vos diga: — *imitou-vos*, *egualou-vos*, *excedeu-vos*.

Qual de Vós foi o civilisador? Qual de Vós comprehendeu como PEDRO a necessidade da illustração? Qual de Vós desempenhou a missão real, como PEDRO, que soube conciliar antigas com modernas crenças, velhas com novas luzes: que soube conduzir as tendencias do seculo ao fim a que ellas se propunham; que abrangeu e reformou no presente seculo a gloria de seculos passados; que soube..... basta, Senhores, basta.

Religião sancta, não precisas dos soccorros da eloquencia para cantar teus triumphos, e tuas victorias. Tu bastas, tu fallas por ti mesma.

Mas que credito podem, ou devem esperar

vossos Appostolos, quando nada mais fazem que reproduzir, e imitar o que outros disseram, e o que outros já publicaram? A eloquencia christãa deve variar as pinturas, accommodal-as ás circunstancias, aos tempos, aos logares.

O genio que só sabe imitar, faz muito; mas a imitação traz sobre elle o ferrete d'ignorar e desconhecer as differenças essenciaes, e que muito longe está o imitador de ser senhor d'ellas.

Era, Senhores, o que eu intentei: procurei fugir esses logares communs Quiz inventar; mas quando dei começo ao intento, desanimei, porque conheci não haver forças.

Quando a vontade quer, o coração ama, já se faz muito; mas quando o entendimento, o talento, e o engenho dão parte de sua fraqueza; a vontade, o coração, e o espirito só servem de testemunho, e obsequio do homem que quer, e do homem que ama.

Em uma palavra, Senhores, não se dissimulará que o genio, que se occupa só em colligir o que se tem dito, e o que outros tem pensado, mostra esterilidade prejudicial á eloquencia da tribuna, á eloquencia do pulpito, ás artes e sciencias.

E terá o nosso seculo justiça para se queixar d'esta esterilidade? Não, Senhores, não. Appello para vós mesmos, que todos os annos escutaes sabios, eloquentes, e sublimes Oradores, de quem ainda com saudade vos recordaes.

Quanto desejava eu satisfazer! Quanto anhelava eu á vossa estima! Suspiro em comprehender vosso pensamento, e deixar-me ir apoz elle.

Occupemo-nos do Heroe, do General, do Rei, do Imperador. Fallarei da Magestade, fallarei do Senhor D. Pedro.

Céos que o recebestes; terra que a nossos olhos o encobres, ouvi o pregão universal de sua gloria. Portuenses, eis alli o objecto do vosso pranto, occupemo-nos delle.

Virtuozo e sabio Prelado, levantando a voz na vossa prezença, eu vos supplico aquella benevolencia que costumaes conceder ás pessoas, que tão submissas como eu confião em vosso favor.

E' tambem na vossa prezença, militares valentes e aguerridos, que eu vou fallar do Imperador, do General, do Heroe, que combateu ao vosso lado. Fostes testemunhas de seu valor, e de sua coragem; presenciastes junto d'Elle, como velava pela Patria; soffrestes como Elle os perigos; com Elle partilhastes os trabalhos: junto d'Elle ganhastes cem victorias! Ouvi-me! Vós não me deixareis mentiroso! Se alguem se atrevesse a dar-me um desmentido, eu appellaria para que cada um de vós me prestasse testemunho insuspeito de verdade.

Corporação respeitavel desta Irmandade Real, o meu dezejo é não desmercer a expectactiva, que tendes visto cumprida sempre, nos Oradores que me hão precedido nesta Cadeira da verdade. Feliz eu se posso realizar a vossa esperança.

Portuenses, que me escutaes; conto com a vossa benevolencia. Eu principio.

As Nações tem um principio de vida, e existencia em tudo egual e semelhante á humanidade de que fazem parte. Ellas passam por epochas que ou as ennobrecem, ou as aviltam.

As vicissitudes das prosperidades, e desventuras as acompanham desde o berço até ao tumulo.

As Nações, digo, tem como a humanidade seu principio, e seu fim; brilhantes como o nascer do sol, triste, como o seu occaso.

Sahem, como esse astro luminoso, de seu nascimento para expirarem no seu triste poente. Sobem ao apogeo de sua gloria, para descerem como Ninive ao perigeo de sua ignominia.

Ellas precisam como o homem de um guia, de um mentor, que dando-lhes a mão as dirija, as instrua, e as encaminhe á prosperidade, á ventura, á gloria.

Os genios vulgares não são os que dão ás Nações o nome, o renome, a fama e a gloria. Embaladas no seu berço por um genio transcendente, ellas adquirem a força que para futuro as torna temidas, e respeitadas. Ellas não morrem com o heróe que lhes deu o ser, e que as creou; não findam com a morte de quem lhes deu a vida.

O fundador de uma Nação vive sempre no meio de seu povo, e este olha com saudade para o sepulcro onde elle reside. O enthusiasmo dos povos cerca o tumulo, e no dia do perigo elles invocam seu nome. Sobre a campa do fundador se lê o epitaphio que anima e dirige os povos, e levando-os ao campo da guerra, faz d'elle o campo da victoria.

A bandeira que o fundador lega á Nação é sempre a da independencia e liberdade, e nos ultimos parocismos da sua morte elle diz ao povo: — ahi tens um nome, uma patria.

Os povos inebriados de gloria victoriam o Eterno, e no meio de sua alegria entregam a Corôa, o Sceptro, o Poder, e a Soberania áquelle que acertadamente os dirigio; áquelle

que dando-lhes nome e patria, lhes dá legislação, tomando sobre sí os destinos d'este mesmo povo, que no excesso de sua alegria o saúda como Pai, o salva como General, e o acclama como Rei.

Os céos se inclinam; os elementos, a natureza, a humanidade escutam a voz do Eterno, que no meio de sua gloria louva o proceder dos povos a quem diz: — *Ungi a David* — *Surge, unge eum.* — Eis aqui, Senhores, a origem das Monarquias.

Permitti, Senhores, que n'um lance d'olhos vos diga o respeito que inspira a palavra Monarcha. É tão grande a dignidade do homem que appelidamos Monarcha, que os Padres do Concilio decimo sexto de Toledo não duvidaram chamal-o Vigario de Deus no governo temporal das Nações, nem estas reconhecel-o como tal.

A Senhora do universo, a antiga Roma, o honrou com o titulo d'Augusto; a gentilidade lhe erigio altares; e se o Christianismo os derrubou, permittiu-lhes todas as mais elevadas homenagens estranhas ao culto.

Onde me leva agora minha imaginação? Onde me conduz? Onde, e para onde me guia? De uma eça para uma sepultura, de um tumulo a outro tumulo: da eça do Senhor D. Pedro para a sepultura do Senhor D. Affonso Henriques; do tumulo d'este para o tumulo d'aquelle; do magestoso e Real templo da Lapa para o de Santa Cruz de Coimbra.

Perdoae, ó Affonso, o movimento que vou dar a vossas cinzas; permitti que vos conduza para junto de vosso Neto; para junto da éça de D. Pedro; á presença d'aquelle que, como vós, soube ganhar terras, e com ellas a independencia Nacional, o amor e respeito de seus subditos.

Mas não, não; repousae n'esse tumulo que não curiosa já revolveu, e inquietou, não tirando de sua curiosidade mais que o desengano. Abrirei a biografia Real, e dirão os Affonsos, os Sanchos, os Dinizes, os Manoeis, os Josés, e Joãos suas maravilhas, seus feitos, suas conquistas, e no fim de seus Regios discursos, eu direi que PEDRO os imitou, os egualou, os excedeu.

Ouvi, Senhores, os fastos das régias personagens, os fastos de valorosos Reis.

Combateram inimigos, sustentando a guerra contra estranhos, a quem arrancaram de suas cabanas para lhes dar um nome, e uma lei. Levaram as Quinas a longes paizes, plantando n'elles a Cruz estacada em um terreno sujeito á idolatria. Entraram populosas cidades a quem deram sábias, e providentes leis. Tomaram d'assalto castellos até ahi inexpugnaveis, passando á espada seus tenacissimos deffensores, ficando assim sem vida quem tantas, e tão grandes provas tinha dado de tamanho valòr. O carro de seus triumphos, puxado pelos captivos, rodou sobre exangues cadavares.

Edificaram Cidades, fundaram Academias, crearam Tribunaes, fizeram Codigos de leis, olharam pelo Culto, respeitaram o nome de Deus sobre todos os Deuses, prestaram homenagem ao Vice-Gerente de Deus sobre a terra, e disseram ás Nações, ao Povo, ao Mundo — Regnavit Deus á ligno. —

Pozeram sobre suas cabeças a Corôa Real, e sobre ella a Cruz do Christo e Ungido do Senhor, fizeram a felicidade da Nação; mas no meio de tudo isto, oh perdoae o que vou dizervos — Não remuneraram o grande Albuquerque, que nos ultimos momentos de sua vida, cober-

ta e copada de serviços, trabalhos, e conquistas, lacrimoso se queixa dizendo: — Fiquei mal com os homens por amor ao Rei, e mal com o Rei por amor aos homens; e expira no desagrado. O mesmo succedeu ao invencivel D. João de Castro, n'essa Dio capital de suas heroicidades, onde fina seus dias opprimidos pela miseria, e ingratidão. As letras nos indigitão tambem para exemplo o grande Camões submergido na indigencia, fóme, e miseria.

Rodeados de uma Corte brilhante, a lisonja lhes applaudia as paixões; ouviam como sabios oraculos perfidos lisonjeiros, aulicos seductores, validos sem honra, sem moral, sem religião.

As cabeças dos Duques fizeram escabélo de seus pés, a vida dos nobres perde-se nos cadafalsos, a Inquisição abria seus carceres; n'elles finaram os que queriam tolerancia religiosa. As Sciencias ficaram estacionarias, o progresso, as luzes eram crimes, e os povos dormiam o somno da ignorancia, viviam no indifferentismo, morrendo insensiveis, e apathicos aos males de sua patria.

Volvamos os olhos ao nosso seculo, ao seculo de D. Pedro; consultemos a historia de nossos dias; diga ella as venturas da Patria; e baseada nos factos mostrará que 18 seculos não foram por si capazes da illustração, acrescentando que 25 Monarchas fizeram consistir sua gloria em deixar as cousas como as tinham achado, tratando só da felicidade de seu povo por meios ordinarios, projectando reformas, temendo-lhe as consequencias, intentando abolir abusos, mas temendo os homens de sua Côrte, concebendo emprezas, mil golpes d'estado, mas faltando-lhes o genio, a coragem, o ardôr. Em uma palavra a historia destes 25 Monar-

chas fica comprehendida n'estas palavas, que se devem inscrever nas suas campas — *Fortes na guerra, benignos na paz, clementes sobre o throno.*

Senhores, poderá este discurso, esta linguagem d'alguma maneira applicar-se ao Senhor D. Pedro? Não. Não fez elle mais, e muito mais? Não os excedeu em valôr, coragem, e politica? Quem melhor do que elle soube estudar as occasiões? Quem melhor observou, e conheceu o mappa estatistico das circunstancias politicas? Quem com mais exactidão mensurou as tendencias do seculo? Quem, que mais soffresse sem desanimar, nem desalentar, nem tão pouco afracar? Quem melhor estudou no gabinete os planos da guerra? Quem melhor escolheu os ministros, e generaes? Quem mais remunerador para com aquelles que se distinguiam no campo, no gabinete, e nas sciencias? Em fim, Senhores, quem mais mathematico no gabinete, general nas batalhas, soldado nas trincheiras?

Prosigamos, Senhores. Pedro fez a guerra por cálculo sem numerario, sem erario; guerra interna, mil vezes mais dispendiosa que a externa. Luctou com a politica estrangeira que quiz entorpecer-lhe e retardar-lhe o passo, não porque deixasse de possuir as mesmas idêas, senão porque temiam um novo, um segundo Napoleão.

Combate idéas arraigadas, e propaladas por altas classes; lucta contra o pensar do seculo, pensar este que estava no occaso da vida, exinanido, decrepito com o correr de 18 seculos.

No campo da batalha vê inimigos, no da victoria amnistiados. O carro de seus triumphos não é puxado pelos vencidos; deixa-os na

reta-guarda agradecidos com o perdão, confusos e pezarosos pelo êrro. Pelo numero das acções tereis, Senhores, o numero das victorias.

Tal é, Senhores, o quadro de sua vida publica; internemo-nos no theatro de sua vida domestica, e veremos a differença cada vez maior em favor do Senhor D. Pedro, e quanto n'esta parte excedeu seus predecessores. Suas qualidades pessoaes o faziam amavel, docil por natureza, affavel por vontade, popular por gosto. Accessivel sem distincção de cathegorias, desinteressado tanto na vida coberta de trabalhos, como na morte cercada de espinhos, e angustias.

Pedro de si mesmo se gloria, e cheio de prazer dizia — Meus Avoengos conquistaram, e dilataram Seus dominios, mas conquistaram para Si, e para seu gosto. Puzeram sobre Sua cabeça a corôa que era Sua; Eu pelo contrario conquistei não para Mim, senão para Minha Augusta Filha. De Minha fronte tirei uma corôa para a collocar na cabeça de Minha Augusta Soberana. Pudera ser Rei e Pai, fiquei só Pai e Subdito. Era Minha a Corôa Imperial, Eu a troquei pela Ducal de Bragança. Ambos os Sceptros entreguei em vida a Meus Filhos, não lh'os testei, nem lh'os leguei, abneguei-os Eu voluntariamente. Fui com os habitantes do Porto fiel camarada d'armas, tomei com elles parte em seus dolorosos trabalhos, dei-lhes a gloria das victorias porque era d'elles. O Porto só Me deve amôr, e gratidão, Eu lhe devo mil victorias, sacrificios mil.

Eis aqui, Senhores, a linguagem de um Imperador do seculo 19. Forçoso me é acabar o parallelo, e permitti que eu o finalise com o seguinte dilemma.

Ou me haveis de confessar que as victorias do Senhor D. Pedro foram milagres consecutivos, pegados, e successivos, ou não. Se affirmaes a primeira, então foi o Senhor D. Pedro um instrumento nas maos divinas, e então deixae-me exclamar com a linguagem de outro Rei: — *Haec mutatio dextrae excelsi* — A mudança foi divina, e foi o dedo de Deus quem a gisou. *Digitus Dei est hic.*

Se affirmaes a segunda, então foi o Senhor D. Pedro o maior de todos os Reis, e Imperadores. Para qualquer lado que vos volteis, Senhores, confessareis que o Senhor D. Pedro foi grande aos olhos de Deus, e dos homens.

Era agora, Senhores, que eu queria fazer mais visivel o argumento, e teria então d'inquietar as cinzas do grande Luiz Filippe, e do virtuoso Carlos Alberto, que agonisou, e expirou dentro de vossa Invicta Cidade, no meio de vós mesmos; mas o tempo vôa, e não permitte delongas; uma circumstancia me desperta, e eu não posso demorar-me; apertemos o passo, e vejamos a consummação do sacrificio. E' forçoso ver como o Senhor D. Pedro se offerece em holocausto a Deus, a este Espirito increado, Ente dos Entes.

Estamos chegados ao dia 24 de Setembro de 1834, Dia fatal, anno terrivel!! Oh! se fosse possivel riscar-te do numero dos dias, e do numero dos annos!! Não, Senhores, não; esta possibilidade se fosse realisavel murcharia uma das maiores glorias do Senhor D. Pedro, embotaria o fio da historia Patria, e faria na mesma uma pausa imperdoavel. Ponhamos em público a verdade; foi n'este dia que terminaram os dias do Senhor D. Pedro; foi em 1834 que, finalisou o Senhor D. Pedro, concluindo os 36

annos de sua edade. Cobri-vos de lucto dias, e annos seguintes!

Senhores, tende ánimo e constancia, vejamo-lo morrer. A curva fouce da morte, e a ampulheta da vida estão junto ao leito da dôr. O Senhor D. Pedro não perde nem os sentidos, nem a coragem; e voltando os olhos para esse descarnado esqueleto assim lhe falla — Procuras-me? Aqui me tens. Não te temi nos vastos campos da guerra, onde sem piedade devastaste meu povo; despresei-te nos campos da cholera, onde com usura ceifaste meus valentes; como queres que te tema agora, onde o perigo é Meu, e só Meu? Exhausto de fôrças, prostrado com acerbos padecimentos eu te encaro com coragem, e resignação. A Minha missão está concluida, d'hoje por diante já pertenço á humanidade, sim á Eternidade.

Elle levanta os olhos ao Céo, e resignado diz: *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.* Estou prompto meu, Deus.

Senhores, abreviemos a dolorosa scena; não penetremos mais seu leito, deixemos que um Soldado de cada Corpo a elle se aproxime para receber d'elle o primeiro abraço, e com elle o ultimo adeus. Deixemos que elle nos braços de sua Augusta Filha, e Familia pague á humanidade o indespensavel tributo. Sim, está pago: já não existe; o sol da vida chegou ao seu occaso.

Consolae-vos, Portuenses, finou como Principe, como Imperador, e como Rei Catholico e Christão. Senhores, esta sciencia da morte não se aprende de repente; a grande arte de bem morrer não se estuda em poucos momentos, como diz o sabio: *Discendum est mori.*

Assim terminou seus dias, um Imperador tão

valente como os Affonsos, tão justo como D. João 2.° tão amigo das letras como D. Diniz, tão patriotico como D. João 3.°, tão nacional como D. João 4.° tão reformador como D. José 1.°, tão clemente como seu Augusto Pai o Sr. D. João 6.°

Portuenses, alli está o tumulo que a vossa gratidão erige ao maior de todos os Principes; alli reluz o respeito ás suas cinzas, e os sentimentos religiosos estreitamente se acham ligados com os desastres politicos, e calamidades patrias na perda de um Imperador superior a todos.

De muitas gerações a esta parte fogem ao cálculo as testas coroadas de quem elle descendia: seu tumulo não carece que Seus Regios Avoengos lhe emprestem as divisas honorificas, que vos obriguem a beijar a campa que o cobre. Não estão em adôrno de seu tumulo, nem as corôas nem os brasões de seus antepassados. Não achaes ali as bandeiras dos inimigos. Que vêdes ali que não seja do Senhor D. Pedro, e só delle? Vêdes o amor da Patria que muito amou; o conselho, a prudencia que sempre conservou; a justiça, a igualdade, a beneficencia, a equidade. Fitae bem os olhos e dizei, quanto perdestes?

Chora, Cidade Invicta, a perda do teu Heróe, a falta do teu Salvador. Lamenta a morte do teu General. No meio do teu lucto vérte lagrimas em memoria do Grande, e Excelso Libertador.

Consagra este dia á saudade, e saudosa chora a morte do senhor D. Pedro. Elle fica sendo o teu Anjo tutelar, e no dia do perigo tu ouvirás sua voz, que impondo respeito ao inimigo o arrojará para fóra de tuas portas. Elle fica sempre em tua guarda, e elle te dirá —

Protegam Urbem hanc. Esta Cidade é minha, a defesa d'ella minha é.

Teus exercitos, ó Porto, serão sempre o sustentaculo da liberdade que PEDRO deu aos Portuguezes. No día das calamidades patrias, ó Portuenses, Povo civilisado, e Heróe, Flôr da Nação Portugueza; no dia das calamidades, digo, vinde aqui, visitae aquella urna onde reside o Coração que mais vos amou, e dizei-lhe — A guerra, o inimigo bate ás nossas portas, a hora do Teu auxilio, ó PEDRO, é esta.

Senhores, esse batalhão que ousado entra as portas d'este Real, e Sumptuoso Templo, oh! parece que vem zombar da nossa linguagem; parece, que quer pôr em desprêzo nosso valor, e escarnecer nossa coragem. Não julguei que um dia consagrado ás súpplicas, e que a Igreja abençôa, fosse o dia em que o inimigo nos proclamasse guerra, e que ousado nos exprobrasse a cobardia que não temos.

Suspende teus passos; não desafies um Heróe que dormindo põe seu coração em vigia. — *Ego dormio, cor autem meum vigilat.* — Oh! retirate d'este lugar, que não é de guerra, mas sim de paz.

Perdoae, Senhores, o engano; julguei que era um inimigo ousado, e estupido, mas firmo bem a vista, e conhecendo o engano, vejo que é o Batalhão 5 de Caçadores, que com armas em funeral, bandeiras cobertas de lucto, e negros fumos, acompanhado de uma musica funebre, dirige seus passos ao lugar da Urna, levantada em memoria do seu Coronel, que tantas vezes o levou ao campo da victoria, da gloria, e da honra.

Deixae entrar, Senhores, dae lugar a que estes valentes tributem ao Senhor D. PEDRO o signal de sua estima, e gratidão.

Chegado áquelle tumulo, guardadas as devidas distancias, elle pertende fallar, mas os suspiros, as lagrimas lhe impedem as vozes, e este Batalhão fica mudo e quedo junto ao tumulo de Pedro.

Eis se levanta uma sombra, que o cerca, e quer dar-lhe um eterno abraço.... A mesma sombra.. a sombra de Pedro desapparece.. nada ..nada...

Disse.

000597